

Saúde do adolescente e Educação Sexual na escola: tecituras a partir das perspectivas dos estudantes

Adolescent health and sex education at school: weavings from students' perspectives

Salud del adolescente y educación sexual en la escuela: tejidos desde la perspectiva de los estudiantes

Recebido: 08/04/2020 | Revisado: 21/04/2020 | Aceito: 22/04/2020 | Publicado: 24/04/2020

Cátia Silene Carrazoni Lopes Viçosa

ORCID: <https://lattes.cnpq.br/2756461468265473>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: catialopes00@hotmail.com

Emilson Braga Santana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4255-8195>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: santana.emilson@hotmail.com

Débora Lopes Viçosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5649-3826>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: fisiodlv@gmail.com

Quelen Colman Espíndola Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8343-2279>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: quelenespindola13@gmail.com

Ana Maria D'Andrea

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9352-7255>

Universidad Nacional Del Nordeste, Argentina

E-mail: anadandrea@gmail.com

Andréia Caroline Fernandes Salgueiro

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4770-2379>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: acfsalgueiro@gmail.com

Vanderlei Folmer

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6940-9080>

Resumo

Este estudo objetiva pesquisar a compreensão de estudantes sobre a importância da abordagem da temática saúde do adolescente no espaço escolar e averiguar os saberes destes sobre Educação Sexual. Apresenta ainda os resultados de uma dinâmica desenvolvida com os educandos sobre estas duas questões. A pesquisa, qualitativa, foi desenvolvida com educandos do 5º ao 9º ano de uma escola pública municipal da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, Brasil. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário e os dados coletados foram tratados por meio da Análise de Conteúdo. A dinâmica em grupo foi proposta com base em questões relacionadas à saúde do adolescente e à Educação Sexual. Os resultados indicaram que os educandos reconhecem a importância da escola como agente de promoção da saúde do adolescente. A maioria dos estudantes afirma possuir conhecimentos sobre Educação Sexual. Entretanto, os saberes citados estão mais relacionados com questões biológicas, sem possuir uma dimensão mais abrangente, como as relações de gênero, relações interpessoais, os sentidos do corpo e a autoestima. Identificou-se que a escola prevalece, sobre amigos e família, como principal fonte de informação sobre Educação Sexual. Durante a dinâmica, foi possível perceber o interesse dos estudantes em participar de atividades que abordam as dúvidas sobre saúde e Educação Sexual. Conclui-se que a escola é um espaço importante para problematização desse tema. Ademais, é imperativo o desenvolvimento de estratégias de ensino que atendam às necessidades dos discentes de maneira personalizada, humana e qualificada considerando aspectos sociais, culturais e emocionais dos educandos.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Educação Sexual; Estratégias educacionais.

Abstract

This study aims to research the understanding of students about the importance of approaching the theme "Adolescent Health" in the school space and to investigate their knowledge about Sexual Education. It also presents the results of a dynamic developed with students on these two issues. The qualitative research was carried with students from an elementary public school in southern Brazil. As a data collection instrument, a questionnaire was applied, and the data collected was analyzed using the "Content Analysis" technique. A group dynamic was related to the adolescent health and the sexual education thematic subjects. Results indicated that the students recognize the importance of the school as a promoter of the adolescent health theme. Most students said to have knowledge about sex

education. However, the knowledge cited by the students is more related to biological issues, without having a more comprehensive sex education dimension, such as gender relations, interpersonal relationships, body senses and self-esteem. School was cited by the students as the main source of information about sex education. During the group dynamics, it was possible to perceive the students' interest in participating in activities that address questions about health and sex education. It is concluded that the school is a significant space for the problematization on this theme. Furthermore, it is imperative to develop school-based sex education strategies that meet the needs of the students, in a personalized, human and qualified way, considering social, cultural and emotional aspects of the students.

Keywords: Health education; Sex Education, Educational strategies.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo investigar la comprensión de los estudiantes sobre la importancia de abordar el tema "Salud de los adolescentes" en el espacio escolar e investigar su conocimiento sobre la educación sexual. Del mismo modo, se presentan los resultados de una dinámica desarrollada con los estudiantes sobre estos dos temas. La investigación cualitativa se llevó a cabo con estudiantes de 5 ° a 9 ° grado de una escuela pública municipal en la frontera oeste de Rio Grande do Sul, Brasil. Como instrumento de recopilación de datos, se aplicó un cuestionario y los datos recopilados fueron tratados mediante el Análisis de Contenido. Se propuso una dinámica de grupo basada en temas relacionados con la salud de los adolescentes y la educación sexual. Los resultados indican que los estudiantes reconocen la importancia de la escuela como promotora del tema salud del adolescente. La mayoría de los estudiantes afirman tener conocimientos sobre educación sexual. Pero el conocimiento citado está más relacionado con los cuestiones biológicas, sin tener una dimensión más integral, como las relaciones de género, las relaciones interpersonales, los sentidos del cuerpo y la autoestima. Se identificó que la escuela prevalece sobre amigos y familiares como la principal fuente de información sobre educación sexual. Durante la dinámica, fue posible percibir el interés de los estudiantes en participar en actividades que aborden dudas sobre la salud y la educación sexual. Se concluye que la escuela es un espacio importante para problematizar este tema. Además, es imperativo desarrollar estrategias de enseñanza que satisfagan las necesidades de los estudiantes de manera personalizada, humana y calificada considerando los aspectos sociales, culturales y emocionales de los estudiantes.

Palabras clave: Educación para la salud; Educación sexual; Estrategias educativas.

1. Introdução

A inserção da Educação Sexual no espaço escolar foi impulsionada no currículo brasileiro a partir da implantação, na década de 1990, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Entretanto, atualmente, as orientações dos PCNs, sobre a inserção do tema no currículo e de ser comum a todas as disciplinas foi suprimida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ficando as orientações direcionadas para um viés biológico (Barbosa et al., 2019). Porém, para Soares & Monteiro (2019), a retirada deste olhar mais aprofundado para a Educação Sexual no documento não significa que os docentes não possam abordá-lo, tendo em conta que o tema faz parte das demandas dos próprios estudantes.

Em países vizinhos ao Brasil, como Argentina e Uruguai, a Educação Sexual consta em documentos educacionais oficiais como tema a ser trabalhado na escola. Nestes países, as leis direcionam para a abordagem deste tema de maneira ampla no espaço escolar. Na Argentina este tema avançou com a sanção de leis específicas que estabelecem a inclusão da Educação Sexual no ensino. Gonzalez (2017) cita a lei 26.150/2006 da Educação Sexual Integral (ESI) que trata sobre a promoção de atitudes responsáveis em relação à sexualidade, prevenção de problemas de saúde em geral e saúde sexual e reprodutiva, e a igualdade de tratamento e oportunidades para homens e mulheres.

Para Gonzalez (2017), esse documento complementa as leis 25.673/2002 e 26.061/2005 que tratam sobre saúde sexual e procriação responsável, além dos direitos de meninas e meninos adolescentes. Posterior a ela, segundo o autor, a lei 26.485/2009 visa erradicar a violência contra as mulheres nas áreas em que elas desenvolvem seus relacionamentos interpessoais. Já a lei nº 27.234/2015 trata sobre violência de gênero e educação sobre igualdade.

No Uruguai, para Benedet & Gómez (2015), esse tema vem sendo discutido desde 1920, perpassando por distintas fases de interrupções e dificuldades sistemáticas de execução e implementação. A legislação a princípio apresentava um enfoque biológico e, posteriormente, a partir de grupos de discussões, ampliou a visão, porém ainda restrita a uma abordagem da sexualidade focada principalmente na prevenção de riscos (Ibid, 2015). Conforme os autores, foi somente a partir da Lei Geral de Educação/2008 que efetivamente esse tema foi incluído no currículo escolar do país. Essa lei prevê que a Educação Sexual deve propiciar ferramentas apropriadas que promovam uma reflexão crítica sobre saúde, corpo, gravidez, relações de gênero e sexualidade, além de estimular a transformação de estereótipos discriminatórios com base na idade, sexo, raça, etnia ou orientação sexual

Porém, para Gonçalves et al. (2013), no contexto brasileiro, a Educação Sexual ainda tem sido considerada um tabu permeado de princípios morais e preconceitos, o que reprime a exposição de dúvidas pelos adolescentes. Neste sentido, Barbosa & Folmer (2019) ressaltam a necessidade de os adultos de referência trabalharem os temas saúde e Educação Sexual desprovidos de qualquer tipo de ideia associada a algo censurável. No ponto de vista de Selva et al. (2019), o professor deve oferecer uma aprendizagem significativa, respeitando e valorizando as diferenças, evitando gerar traumas e complexos nos estudantes.

Para Furlani (2011), se a educação formal pretende contribuir para o desenvolvimento integral do indivíduo e inserção numa vida de cidadania plena, a educação em saúde e sexual é assunto que não pode ficar ausente dos currículos escolares. A educação em questões transversais, como demandas de interesse social e pessoal, está ligada a contextos em que a vida da pessoa se desenvolve. Nesse sentido, se pode elencar a escola junto com família e comunidade como agentes educacionais para trabalhar essa questão (López, 2015, p. 155). Este tripé deve ser responsável por promover o diálogo, a troca de experiências e de informações com os adolescentes proporcionando uma maior autonomia a respeito de assuntos conexos à Educação Sexual.

Na escola, a Educação Sexual, concomitante à educação em saúde, deve possibilitar aos alunos conhecer, refletir e discutir sobre questões ligadas à sexualidade, visando uma vida mais prazerosa, com mais consciência e liberdade nas escolhas, viabilizando uma qualidade de vida melhor (Moreira & Folmer, 2015). Assim, espera-se contribuir positivamente com a saúde integral dos adolescentes e favorecer a redução de possíveis consequências indesejáveis advindas das desinformações sobre o assunto. De fato, a Educação Sexual na escola deve adotar uma estratégia de excelência visando a promoção da saúde do escolar.

Desta forma, para Barbosa et al. (2019), sendo a Educação Sexual um tema atual e de relevância, torna-se mister sua inserção no espaço escolar, visando a aproximação dos adolescentes com adultos de referência em torno desta questão. Conforme os autores, essa aproximação deve ocorrer, em virtude de a adolescência representar uma fase de transição, marcada por conflitos entre infância e vida adulta e caracterizada por mudanças biopsicossociais. Tal fato colaboraria para o crescimento do indivíduo em direção à construção de sua identidade e inserção na fase adulta.

A partir do exposto, esta pesquisa tem por objetivo apresentar e discutir dados referentes a tecituras e compreensão dos educandos sobre a importância da abordagem do tema saúde do adolescente no espaço escolar. Também objetiva averiguar os saberes dos adolescentes sobre Educação Sexual e descrever os resultados de uma dinâmica de grupo

sobre Educação Sexual, desenvolvida com os estudantes. Essa pesquisa justifica-se pela compreensão de que o tema “Educação Sexual” deve ser desenvolvido na escola, considerando sua finalidade de levar informações e conhecimentos sobre a saúde, auxiliando a desenvolver responsabilidade e consciência para a proteção do corpo. Deste modo, acordamos com Oliveira et al. (2017), que percebem o ambiente escolar como um espaço genuíno para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a transformação social do educando.

2. Metodologia

Este ensaio, aprovado no Comitê de Ética Pesquisa, conforme o parecer número 1.746.820, possui caráter qualitativo e caracteriza-se por ser um estudo de caso. De acordo com Moreira (2011), a pesquisa qualitativa visa por meio da interpretação buscar significados da realidade construída, através da observação e dos dados obtidos. Para Gil (2008), o estudo de caso investiga um fenômeno atual dentro de um contexto, explorando, descrevendo e explicando situações reais pertencentes ao cenário da investigação.

O estudo teve como cenário uma escola pública municipal da fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, Brasil. Participaram 110 discentes distribuídos entre o 5º e 9º ano do Ensino Fundamental dos turnos da manhã e da tarde da escola. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário, adaptado de Barbosa et al. (2019), conforme Quadro 01. Para preservar o anonimato dos participantes foi solicitado que os mesmos não se identificassem nos questionários.

Quadro 01 - Questionário sobre Educação Sexual.

Idade:	Sexo:
I. Você acha importante a escola abordar temas sobre a saúde do adolescente?	() Sim () Não
II. Você sabe alguma coisa sobre Educação Sexual? Pode citar o que sabe sobre educação?	() Sim () Não R: _____
III. As informações que você possui sobre esse assunto você aprendeu?	() Com pais ou responsáveis () Com seus amigos/as () Na escola durante aula de diferentes disciplinas () Na igreja () Outros _____
IV. Você acha importante esclarecer suas dúvidas sobre esse assunto?	() Sim () Não

Fonte: Elaborado pelos autores, adaptado de Barbosa (2019).

Este questionário foi elaborado na intenção de averiguar a compreensão dos educandos acerca da importância de abordagens de temas relacionados a saúde do adolescente no espaço escolar. Por meio dele se buscou identificar os saberes destes sobre Educação Sexual e sobretudo investigar qual a principal fonte de informação sobre Educação Sexual que estes adolescentes indicam. Além de identificar o interesse deles em esclarecer dúvidas sobre esse tema.

Os dados coletados no questionário foram tratados por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Esta técnica envolve a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 2011). Ressalta-se que as respostas referentes aos saberes de Educação Sexual, complemento da pergunta II, e os resultados obtidos na primeira etapa da dinâmica foram tratados por meio da ferramenta Word Art que auxilia na construção de nuvens de palavras. O uso dessa ferramenta, segundo Lemos (2016), permite por meio da categorização visual observar em destaque na imagem construída, as palavras com maior frequência numérica citadas pelos educandos.

Após a análise dos dados obtidos nos questionários, foi realizada com os participantes uma dinâmica adaptada de Magalhães (2008), intitulada “Fala Sério ou com Certeza”. A dinâmica teve por objetivos identificar e problematizar as concepções dos adolescentes sobre diversas questões relacionadas a Educação Sexual e saúde do adolescente. Os estudantes foram separados em dois grupos: Grupo 01 (5º e 6º ano) e Grupo 02 (7º, 8º e 9º ano), tanto no turno da manhã como no turno da tarde. Cada dinâmica teve duração média de 1 hora e 30 minutos e teve início com a apresentação dos mediadores. Após, os discentes foram questionados se possuíam alguma dúvida relacionada à Educação Sexual, como sexualidade, corpo, gravidez, doenças, etc. Essas dúvidas foram expressas aos mediadores de forma oral ou por escrito. Após essa etapa, foi explicada a dinâmica da proposta “Fala sério ou Com Certeza”.

A dinâmica consistiu em problematizar com os adolescentes distintas afirmações referentes à Educação Sexual, passando por questões como saúde, sexualidade, assédio, respeito, gênero, etc. Estas afirmações ficaram em pequenos papéis dentro de uma caixa com uma pequena abertura, sendo que esta passou de aluno em aluno enquanto uma música animada era tocada. Ao parar a música, o educando que estivesse com a caixa teria de retirar uma afirmação e ler em voz alta para que todo o grupo pudesse responder levantando as plaquinhas disponibilizadas: Fala Sério!” (Discordando da afirmação) ou “Com Certeza!” (Concordando com a afirmação).

A cada rodada, os discentes foram questionados pelos mediadores sobre o porquê de

sua resposta. Na sequência, os mediadores problematizaram e esclareceram sobre a resposta correta. Ao final, os participantes foram interpelados sobre a existência de alguma dúvida e se a dinâmica desenvolvida auxiliou na compreensão das questões apresentadas. No Quadro 02 mostramos um recorte das afirmações que constavam na caixa do “Fala sério ou Com Certeza”.

Quadro 02: Afirmações presentes na caixa “Fala sério!” ou “Com certeza!”.

A menstruação não é doença.	Só as meninas devem ser comportadas.	Casos de abusos sexuais devem ser denunciados.
Se toma pílula não precisa de camisinha.	Camisinha previne gravidez e IST	Menino de roupa rosa dever ser gay
Se o namoro é fixo não precisa usar camisinha.	Menino tem que agredir para ser macho.	Namorada minha não namora outro depois que terminamos.
O assédio sexual também pode ser com palavras.	O corpo só pode ser tocado com permissão.	Meninos podem ser abusivos com meninas.
Só a família pode falar sobre sexualidade.	Vacina HPV é para meninos e meninas	Se for da família ou conhecido a pessoa pode tocar no meu corpo
Menina BV não usa batom.	Menina de roupa curta está se assanhando.	Existe camisinha feminina.
Meninas e mulheres devem ser respeitadas em qualquer situação.	Jamais teria um amigo gay.	Não importa se está certo ou errado, vou fazer o que todos fazem.
Forçar um aborto traz riscos à saúde.	Preciso estar magra (o), pois assim é mais bonito.	Higiene pessoal é um problema só meu.
Não existe esporte só para meninos ou só para meninas.	Perder a virgindade é a maior prova de amor.	A minha opinião é melhor que a dos meus colegas.
Energético faz bem para a saúde.	Os anabolizantes não causam nenhum risco à saúde	Meu corpo, minhas regras.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As afirmações evidenciadas neste quadro foram elaboradas a partir de questões contidas na literatura, visando contemplar a questão de saúde, respeito, gravidez na adolescência, higiene, homossexualidade, discriminação, preconceito, abuso sexual, etc. (Mendes & Nóbrega, 2004; Moreira & Folmer, 2011; Chaves et al. 2014. A partir destas questões foi possível averiguar a compreensão e dúvidas dos estudantes frente à temática abordada na oficina.

3. Resultados e Discussão

A adolescência compreende um período que se caracteriza como a fase do ciclo vital entre a infância e a fase adulta, marcada por intensas transformações biopsicossociais estimuladas pela ação hormonal característica da puberdade (Moreira & Folmer, 2011; Coutinho et al., 2013; Faial et al., 2016). Nesta fase, de acordo com os autores, se observa um acentuado amadurecimento corporal, significativas transformações emocionais, construção de novas relações interpessoais, manifestações de novos sentimentos, atitudes, decisões, as quais resultam na construção de uma identidade própria. No presente relato, identificou-se que os participantes indicaram possuir entre 11 e 16 anos de idade, com uma média de 13,05 anos. Houve pequena predominância do sexo feminino, com 52 participantes. Ademais, 50 educandos indicaram ser do sexo masculino e 08 integrantes da pesquisa não responderam a essa pergunta. Os dados descritivos estão demonstrados no Quadro 03:

Quadro 03: Perfil dos participantes.

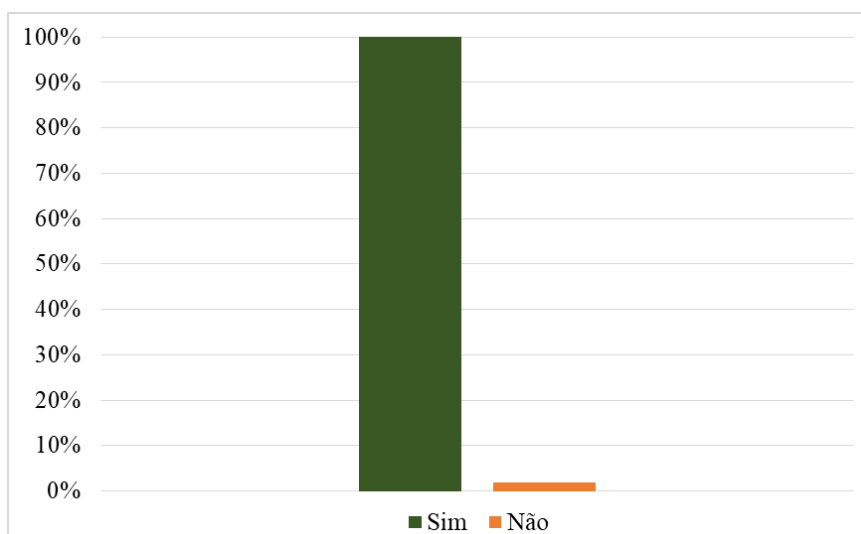
Sexo	Total	N = 110 (100%)
Feminino	52	47,28%
Masculino	50	45,45%
Não responderam	08	7,27%
Idade	11 a 16 anos	\bar{X} = 13,05 anos

Fonte: Dados do estudo.

A partir dos dados apresentados no quadro acima identificou-se que o grupo é homogêneo, não havendo disparidade entre o número de participantes do sexo feminino e masculino. A diferença entre idade mínima e máxima dos participantes é relacionada a participação de estudantes pertencentes a distintas etapas dos anos finais do Ensino Fundamental.

Em relação à primeira pergunta, sobre a importância de a escola abordar temas sobre a saúde do adolescente, constatou-se o panorama ilustrado no Gráfico 01:

Gráfico 01: Importância do tema saúde do adolescente na escola.



Fonte: Dados do estudo.

Conforme o Gráfico 01 observa-se que, do total de participantes, 108 (98,18%) responderam sim, que é importante a escola abordar o tema na escola e 02 (1,82%) consideram que esta temática não possui relevância de ser trabalhada na escola. O interesse no enfoque de saúde no contexto escolar pode estar relacionada ao faixa etária dos estudantes, visto que a maioria dos participantes enquadram-se na fase da adolescência.

O alto índice de educandos interessados na abordagem deste tema no contexto escolar indica, de acordo com Lannes et al. (2014), que a escola se configura como um ambiente propício para a aplicação de programas de educação em saúde. De acordo com os autores, isso se deve ao fato que a mesma está inserida em todas as dimensões do aprendizado: ensino, relações entre lar, escola, comunidade, ambiente físico e emocional. Esse fato torna necessário que a escola propicie um espaço para a abordagem de temas relevantes, atuais, e, principalmente, que fazem parte da vida cotidiana dos estudantes (Lannes et. al., 2014, p. 29).

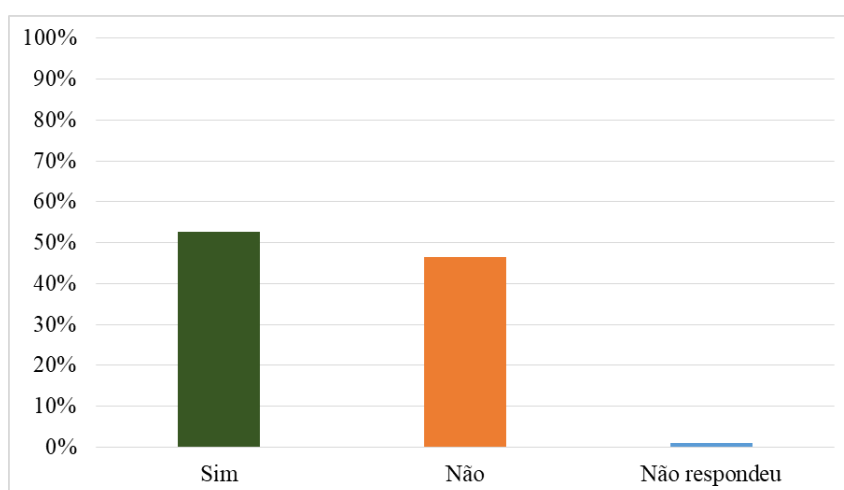
As escolas do sistema público de ensino representam, conforme Silva & Bodstein (2016), espaços importantes para práticas e vivências em saúde presentes nas relações entre os sujeitos que convivem nesse cenário. A escola enquanto instituição se define muito além de sua função de ensino, mas também um local em que “Saúde” surge como tema recorrente demandado pelos educandos (Ibid, 2016, p.1778). Vale ressaltar que, segundo Coutinho et al. (2013), documentos oficiais descrevem a adolescência como fase de vulnerabilidades e potencialidades, importante para se enfocarem os problemas associados à gravidez não planejada, o risco de contração de infecções sexualmente transmissíveis e o risco do uso de

drogas ilícitas, o que reforça o papel da escola neste tipo de abordagem.

Este dado só potencializa a importância da escola como promotora de ações sobre saúde do adolescente no contexto escolar. Para Faial et al. (2016), com a expressividade e a significância que a juventude representa como geração futura, torna-se pertinente a elaboração de estratégias direcionadas à saúde dos adolescentes que desenvolva a autonomia dos sujeitos para o alcance da saúde com qualidade de vida. De fato, a difusão de informações e conhecimentos, condiciona o ser humano a reflexão crítica de sua realidade, o que favorece a vivência de atitudes e comportamentos saudáveis que garantem a otimização das ações de autocuidado (Ibid, 2016, p. 23).

A segunda pergunta questionava se os educandos tinham conhecimentos sobre Educação Sexual. Os dados obtidos são apresentados no Gráfico 02:

Gráfico 02: Conhecimento sobre Educação Sexual.



Fonte: Dados do estudo.

Estes resultados indicam que 52,73% dos educandos afirmaram possuir algum conhecimento sobre Educação Sexual. Um percentual de 46,37% dos educandos responderam não possuir nenhum saber sobre o tema e 0,9% dos participantes não responderam a questão.

Para Chaves et al. (2014), muitos adolescentes afirmam possuir conhecimentos sobre o tema, porém esse saber está relacionado mais a questão biológica do que com temas mais aprofundados da Educação Sexual como sexualidade, doenças, gênero, etc. Esse fato pode estar atrelado ao grande desafio que é trabalhar essa temática no espaço escolar (Moreira et al. 2011).

Pesquisadores como Furlani (2011), Moreira et al. (2011) e Altman (2013), que

acordo com os autores, esse tipo de enfoque faz com o corpo seja apresentado de maneira anatômica desconsiderando a construção social, histórica e cultural da identidade dos sujeitos (Soares et al., 2018). O corpo em sua singularidade traz uma história biológica, cultural e social que são inseparáveis (Mendes & Nóbrega, 2004).

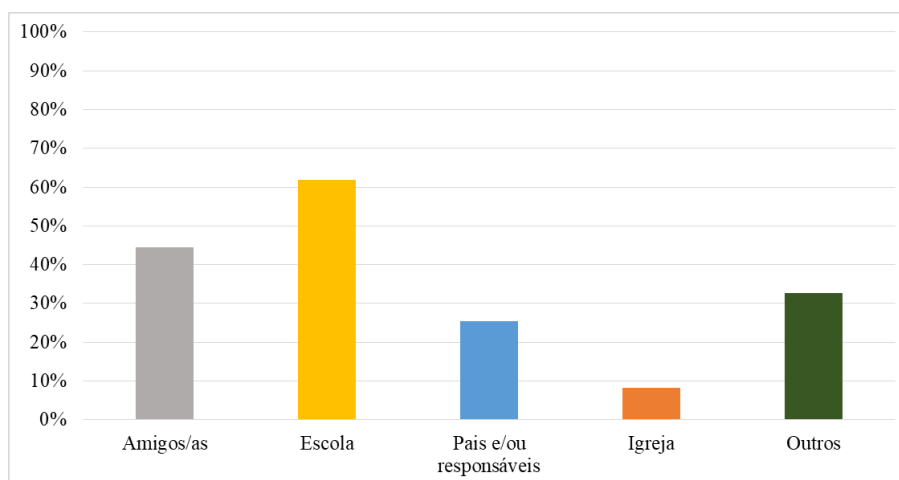
Depreende-se assim, que a Educação Sexual, considerando o educando como um todo, deve ser amplamente discutida no espaço escolar visando a formação do sujeito para além do viés biológico. Segundo Silva et al. (2016), a escola por ser um ambiente social no qual o educando passa grande parte de sua vida e onde ocorrem contatos interpessoais, deve contribuir para o desenvolvimento de uma Educação Sexual que promova no adolescente senso de autorresponsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade. Assim, o tema Educação Sexual deve perpassar por questões além dos conceitos biológicos e pressupor um enfoque com dimensão mais abrangente como as relações de gênero, as relações interpessoais, os sentidos do corpo e a autoestima.

Em análise semelhante na Argentina, porém relacionada sobre a implementação da lei sobre Educação Sexual Integral, Marina (2009) identificou que os tópicos mais citados pelos estudantes, assim como nos resultados acima apresentados, estavam relacionados a aspectos biológicos e ao eixo de direitos e gênero. De acordo com a autora, nesta mesma análise, os tópicos relacionados à esfera sexual (métodos de prevenção da gravidez e doenças sexualmente transmissíveis e como evitar o abuso sexual) foram os que registraram a menor quantidade de respostas positivas entre os estudantes (menos de 50%). Este dado indica que, apesar da importância do aporte legal que asseveram o enfoque desta temática nos espaços escolares, é essencial investir em formação docente que instrumentalize o professor em relação a este tema.

De fato, Barbosa & Folmer (2019) ressaltam a importância de se investir na formação inicial e continuada de professores acerca de Educação Sexual. Essa formação, de acordo com os autores, deve ter por objetivo contribuir para construção de cidadãos livres de preconceitos e pautados no respeito a si e ao outro enquanto sujeito de direito. Além disso, as formações colaborariam no desempenho docente, como adulto de referência, no processo de ensino-aprendizagem deste tema, priorizando a cidadania e integrando as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto.

Os resultados referentes ao terceiro questionamento, sobre onde obtiveram as informações, estão descritos no Gráfico 03.

Gráfico 03: Categorias de obtenção de informação



Fonte: Dados do estudo.

Entre as opções disponibilizadas no questionário, no qual os estudantes poderiam marcar mais de uma alternativa, identificou-se, conforme o Gráfico 03, que o maior percentual foi a opção “escola” com 63% de respostas. Na sequência obteve destaque a opção “amigos/as” com 46% e o item “outros” com 43%. As demais opções “pais e/ou responsáveis” obtiveram 28% de indicação e 9% dos participantes responderam ter a “igreja” como fonte de informação sobre Educação sexual.

Os dados resultantes expressam que as maiores fontes de informação sobre Educação Sexual dos adolescentes participantes da pesquisa estão na categoria “escola”, seguida de “amigos(as)”. Em pesquisa semelhante, com objetivo de identificar o conhecimento de adolescentes sobre contracepção, Portela & Albuquerque (2014) identificaram que a escola, apesar de realizar abordagens na visão biológica, configura-se como uma das maiores fontes de informação para os adolescentes sobre Educação Sexual. Para os autores, a escola é um local propício para disseminar o conhecimento e discussões corretas sobre Educação Sexual.

Esse tipo de abordagem nas escolas, segundo Barbosa et al. (2019), era assegurado e reforçado por documentos como Parâmetros Curriculares Nacionais que apresentavam a temática Educação Sexual como um tema transversal a ser trabalhado no ensino. Para Almeida et al. (2011), a intenção era privilegiar questões relativas à saúde, sexualidade, gênero e afetividade dos educandos. Desta forma, as discussões sobre o assunto deveriam ser polarizadas em diferentes campos disciplinares, de maneira plural e interdisciplinar.

Porém, com promulgação da Base Nacional Comum Curricular no final de 2017, o tratamento desta temática perde espaço na escola, sendo sua amplitude reduzida à disciplina de Ciências com ênfase na reprodução e doenças sexualmente transmissíveis e contemplando

apenas o oitavo ano (Barbosa et al., 2019). Este tipo de abordagem, com o foco biológico e preventivo de doenças, é refutado por Modesto (2018) que afirma não servir a seu papel maior, que é a formação de cidadãos conscientes da amplitude deste tema. De fato, independente do que prega a BNCC, é imprescindível que os demais documentos escolares contemplem essas questões, devido a sua relevância e urgência no contexto escolar (Modesto, 2018).

Para Selva et al. (2019), apesar da escola ser indicada como fonte de informação, muitos professores se sentem despreparados para este tipo de abordagem, adotando assim o viés biológico nestas questões. Para Viçosa et al. (2018), a formação docente necessita da adoção de um novo olhar que considere em seus enfoques, independente da área de formação, temas pertinentes a formação integral do sujeito, entre eles a Educação Sexual. Por isso a relevância de investimento nos processos de reflexão e discussões sobre as ações pedagógicas sobre este tema, realizadas no contexto escolar (Selva et al., 2019, p. 04).

A segunda maior fonte de acesso à informação citada foi “com amigos(as)”. Para Portela & Albuquerque (2014), isso se deve ao fato de que muitos adolescentes buscam informações com amigos por se sentirem mais a vontade de conversar sobre a suas dúvidas sexuais com eles. Muitas vezes as informações que chegam aos educandos são insuficientes para suprir as dúvidas acerca do assunto, fazendo com que esses explorem fontes de fácil acesso, de rápida compreensão e que apresentem uma linguagem simples, como de seus pares (Araújo et al., 2017). Essa interlocução, quando exhibe informações de forma superficial, pode corroborar na elaboração de conceitos errôneos sobre os distintos temas relativos à Educação Sexual.

No decorrer das transformações biopsicossociais, de acordo com Silva et al. (2016) é natural os adolescentes buscarem nos amigos informações referentes a temas relacionados a Educação Sexual. Deve-se ressaltar que, apesar desta troca de experiência entre pares da mesma faixa etária se constituir como uma referência importante nos tópicos de crescimento e desenvolvimento, nem sempre as informações obtidas neste tipo de diálogo são embasadas em dados corretos. Para Silva et al. (2016) nota-se que as conversas e os diálogos relacionados ao tema podem ser superficiais, carregadas de tabus e preconceitos e advindas de fontes não confiáveis, que também, muitas vezes, não tiveram acesso à Educação Sexual.

O terceiro item indicado foi “com pais e/ou responsáveis”, o que representa conforme Moreira & Folmer (2011) que a família, assim como a escola, desempenha papel de referência para os educandos. Os autores destacam que os adolescentes necessitam de pais maduros e bem resolvidos, com conhecimento do significado desta fase, para poder esclarecer as

possíveis dúvidas que surgem na adolescência. Segundo Gonçalves et al. (2013) existe a necessidade do envolvimento da família no processo de Educação Sexual dos adolescentes, nomeadamente pelo fato deste envolvimento proporcionar esclarecimentos e reflexões para que os jovens desfrutem desta fase de maneira saudável e responsável.

Em pesquisas análogas desenvolvidas no Uruguai e na Argentina, em questões referentes a participação da família na abordagem deste assunto, os dados se assemelham aos apresentados neste estudo. No Uruguai, conforme Benedet & Gómez (2015), depois da escola é a família, por intermédio das mulheres deste núcleo, que representa um dos principais pontos de acesso à informação sobre Educação Sexual. Na Argentina, em relatório sobre a implementação da lei ESI, os estudantes indicaram que pessoas do sexo feminino do núcleo familiar representam os principais interlocutores sobre questões relacionadas à Educação Sexual (Argentina, 2019). Estes dados expõe um modelo parental, em que a mulher tem um papel tradicional de cuidadora e com uma experiência diferenciada nesse aspecto em relação ao homem.

A família e/ou responsáveis dos adolescentes, conforme Gonçalves et al. (2013), deve possibilitar uma Educação Sexual emancipatória, responsável, desprovida de conceitos errôneos e subjetivamente concebida como parte integrante e essencial da vida humana. A Educação Sexual emancipatória nesse contexto pressupõe o desenvolvimento de ações educativas com a finalidade de promover a autonomia, buscando superar padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados que visem superar preconceitos e tabus. Deve-se ainda inibir atos de afastamentos e repressão quando surgir esse tema no espaço familiar.

Ressalta-se, porém, que um dos grandes desafios da Educação Sexual na esfera familiar refere-se à desconfiança de despertar nos jovens o início precoce da sua vida sexual. Ao contrário do que se propaga, a Educação Sexual não estimula e nem antecipa a atividade sexual entre os jovens e sim contribui para adiar o início da vida sexual dos adolescentes, uma vez que, esclarecidos, tendem a ser mais responsáveis (Moreira & Folmer, 2011; Gonçalves, Faleiro & Malafaia, 2013). É importante considerar que as informações fornecidas produzam conhecimento significativos, de maneira que o adolescente saiba interpretá-las e usá-las de forma adequada.

Na sequência de análise identificou-se que a categoria “outros” foi marcada como quarta fonte de informação (32,72%), sendo elencados os seguintes dados: a internet, novelas, psicóloga, programas de televisão, escutando e fazendo. Neste sentido, Moreira & Folmer (2011) destacam a importância dos adultos de referência em conversar e disponibilizar

informações, pois caso não encontre quem esclareça suas dúvidas, estas serão supridas através de outros meios que podem não fornecer a informação de maneira correta. De fato, muitas vezes, estes outros veículos de informação podem não auxiliar da maneira adequada sobre o assunto, oferecendo informações equivocadas e/ou gerando mais dúvidas.

Para Almeida et al. (2017), os adolescentes adquirem essas informações com buscas em revistas, filmes, televisão e internet porque esse tema ainda se constitui como um tabu para a família e também em alguns espaços escolares. Portela & Albuquerque (2014) reconhecem que as mídias, por serem de fácil acesso e constituírem espaços com distintos materiais sobre Educação Sexual, representam um atrativo para busca de referências para os adolescentes. De acordo com Barbosa et al. (2019), um fator que pode desencadear a busca na internet ou mídia por informações sobre Educação Sexual pode estar relacionado a fuga da responsabilidade familiar sobre esse tema e/ou com a ausência de compromisso curricular da escola com essa temática.

Observa-se assim, que tanto a família como a escola, por meio de seus professores, constituem-se como adultos de referência dos educandos, devendo estar sempre em busca de informações corretas para melhor orientar o adolescente. Publicações sobre o tema avaliam que a Educação Sexual deveria ter início com a família e continuidade na escola, considerando que este espaço é um lugar de informação e formação, no qual estão presentes todas as áreas do conhecimento que irão auxiliar na formação do sujeito (Moreira & Folmer, 2011; Brancaloni & Oliveira, 2016). Essa abordagem articulada deve considerar o sujeito constituído de maneira histórica, social e política, tendo em conta o ambiente e a sociedade na qual este está inserido.

A igreja, conforme indicado no gráfico, foi considerada por um pequeno número de alunos (8,18%) como veículo de informação de Educação Sexual. Esta informação apareceu também em publicações de alguns autores, nas quais os adolescentes indicam buscar esclarecer suas dúvidas sobre Educação Sexual em espaços religiosos (Barbosa et al., 2019; Pinheiro et al., 2017). Este dado, conforme Furlani (2011), indica que os adolescentes possuem interesse em esclarecer suas dúvidas em grupos das comunidades das quais fazem parte. Porém, o autor ressalta que deve-se ter cuidado com qualquer informação que seja constituída de discurso religioso com “incontestável verdade” na determinação das representações acerca da sexualidade “normal”.

A Educação Sexual é um assunto que demanda seriedade e conhecimento científico, devendo ser trabalhado em uma perspectiva que aborde a questão biológica do ser humano e considere aspectos históricos, sociais e culturais (Furlani, 2011). Para Noro (2017) considera

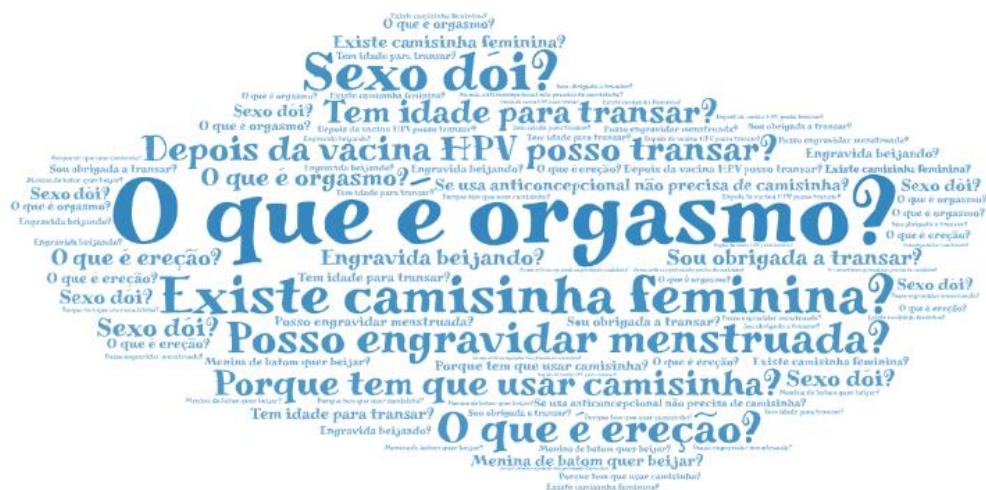
que teorias científicas e princípios religiosos devam ser respeitados, cada um em seu espaço, não interferindo entre si e mobilizando ações de esclarecimento, conhecimento e integração social, sem um se sobrepor ao outro. Deste modo, a pessoa que for abordar este assunto na família, escola ou igreja deve estar consciente de que sua fala irá fazer parte da constituição dos conceitos dos adolescentes, por isso a importância de possuir discernimento no momento de explicar sobre o assunto.

O último item do questionário perguntou se os adolescentes achavam importante esclarecer suas dúvidas sobre Educação Sexual. Os dados indicaram que 89 estudantes (80,91%) acham importante atividades que vissem esclarecer suas dúvidas, 19 estudantes (17,27%) responderam que não acham importante e dois participantes (1,82%) não responderam o questionamento. A partir desta informação, considerando o alto índice de interesse dos participantes em esclarecer suas dúvidas sobre o tema, foi proposta a realização de uma dinâmica, a qual foi denominada “Fala Sério!” ou “Com Certeza!”.

A estratégia, adaptada de Magalhães (2008), é definida como proposta de aprendizagem compartilhada, por meio de atividade grupal, que propicia aos participantes um ambiente acolhedor e aprendizagem estimulante. Essa proposta, conforme os autores, ocasiona alto impacto e promoção de resultados mais duradouros nos indivíduos que passaram por elas. De fato, este tipo de dinâmica se configura como uma estratégia que por meio de espaço de compartilhamento de saberes singulares se propõe a auxiliar na construção de novos conhecimentos.

Na primeira etapa da dinâmica os educandos foram instigados a expressarem suas dúvidas relativas ao tema Educação Sexual. As dúvidas que emergiram no início da dinâmica foram compiladas e são demonstradas em forma de Nuvem de Palavras (Figura 02).

Figura 02: Dúvidas dos educandos sobre Educação Sexual



Fonte: Dados do estudo.

Este dado indica que os educandos possuem diversas dúvidas sobre o tema e reforça a necessidade de que a escola ofereça um espaço em que elas possam ser discutidas e esclarecidas. Na compreensão de Moreira & Folmer (2015) é essencial a escola proporcionar este tipo de espaço, com discussões sobre Educação Sexual, com objetivo de possibilitar aos estudantes conhecer, refletir e discutir sobre questões ligadas à sexualidade. Para os autores, este tipo de espaço deve visar que, a partir do conhecimento, o educando tenha mais consciência e liberdade nas escolhas, viabilizando uma qualidade de vida melhor.

De acordo com Coutinho et al. (2013), a escola deve primar para que este tipo de ação discorra sobre questões relacionadas à Educação Sexual como corpo, saúde, respeito, sentimentos, diversidade e sexualidade. O autor justifica a importância deste tipo de abordagem, considerando o interesse dos educandos sobre o tema e sobre diversas questões relacionadas a saúde do adolescente, como exposição a comportamentos de risco, expresso pela violência e por infecções sexualmente transmissíveis, que tendem a atingir fortemente a população nesta faixa etária. Assim, a escola, além de abordar o tema na perspectiva biológica, deve englobar questionamentos e reflexões sobre valores e concepções de maneira a possibilitar que os sujeitos construam e fundamentem seus conceitos sobre questões relacionadas a Educação Sexual.

A dinâmica teve sequência com a retirada e leitura das afirmações que constavam dentro da caixa e com o levantamento da placa de resposta, concordando ou não com a mesma. A adoção desta estratégia permitiu que os adolescentes problematizassem as afirmações, independente de concordarem ou não com elas. A participação neste tipo de

problematização, segundo Coutinho et al. (2013) faz com que o jovem entenda a informação que está sendo discutida de maneira clara, acessível, objetiva e sinta-se à vontade para expor suas opiniões. Este tipo de ação, discussão em grupo, serve como mecanismo para evitar a exposição de adolescentes a situações de riscos relacionadas ao exercício da sexualidade, como gravidez indesejada, infecções e traumas psicológicos e emocionais resultantes da vivência de uma sexualidade frustrante (Gonçalves et al., 2013).

Cita-se que entre os temas presentes nas afirmações que mais geraram problematizações estão as questões de gênero, respeito, assédio, homofobia e abuso sexual. Para Remídio et al. (2019), estes temas se destacam por estarem implicados no cotidiano da vida social dos educandos e por estarem presentes em todos os ambientes, inclusive na escola. Cabe ressaltar, conforme Moreira & Folmer (2011), que essas dúvidas, curiosidades e inseguranças não são características da nossa época, mas de uma fase da vida que todos os adultos já passaram.

Dúvidas análogas as aqui expostas pelos participantes foram encontradas em outros estudos sobre o tema. Isso reflete a necessidade de, na contemporaneidade, problematizar crenças e tabus quanto às questões que envolvem a Educação Sexual, incorporando temas socioculturais e biológicos para auxiliar na construção de significados sobre o assunto (Santos et al., 2013; Soares, 2014; Taha et al., 2018). Para os autores, deve-se ter em conta a intersectorialidade entre saúde e educação, superar as ações pontuais e investir em propostas contínuas a fim de viabilizar resultados significativos.

Para Silva et al. (2016), sendo a educação uma atividade dos seres humanos que coincide com o processo de formação do sujeito, existe a necessidade de que os docentes se sensibilizem ao diálogo sobre questões que são ainda afastadas das escolas e invistam em momentos que possibilitem essa ação. Remídio et al. (2019) corrobora com esse entendimento ao afirmar que a escola representa o caminho para o estabelecimento de uma Educação Sexual que olhe para os diferentes aspectos que a cercam, perpassando por respeito, orientação sexual, relações igualitárias de gênero, classe e raça/etnia. Isso pode se dar, conforme os autores, com a construção de um ambiente pedagógico onde os conhecimentos acerca deste tema possam ser difundidos com domínio e propriedade.

Porém Moreira & Folmer (2015) entendem que apesar da escola ser um dos principais locais para se discutir sobre Educação Sexual, ainda existe dificuldade neste tipo de abordagem em relação a formação dos adultos de referência, no caso os professores. Para Soares & Monteiro (2019), a literatura aponta que docentes se sentem despreparados e com dificuldades para abordar os diversos aspectos do tema. As autoras reafirmam, conforme já

citado, que no âmbito do ensino formal prevalece a perspectiva biológica, restrita e vinculada aos sistemas reprodutores masculino e feminino e às doenças relacionadas aos órgãos sexuais.

Em estudo anterior, Soares & Moreira (2019) identificaram que, de acordo com a fala de professores, as diversas dimensões da Educação Sexual não foram contempladas no âmbito inicial da formação e atualmente se direcionam para profissionais atuantes na disciplina de Ciências e/ou Biologia. Para Moreira & Folmer (2015) é imprescindível a criação de espaços de discussão e formação para que estes adultos de referência possam discutir e refletir sobre adolescência e sexualidade, bem como o papel de cada um na relação com o adolescente. Desta forma, questões tanto conceituais quanto de aplicação devem ser definidas, problematizadas e amplamente discutidas na escola, pois esta, por diversas vezes, reproduz e valida certos significados em um processo que certamente apresenta conflitos, negociações e resistências (Seoane, 2013; Silva et al., 2019).

A partir do exposto, compreende-se a importância da inserção dos temas discutidos neste ensaio no espaço escolar. As ações educativas devem ter como perspectiva promover a autonomia do educando a partir de fatores socioculturais e biológicos, buscando superar padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados, superando preconceitos e tabus. Deste modo, se reconhece a potencialidade da escola, enquanto grupo de referência, no processo de construção de uma compreensão da saúde do adolescente e da Educação Sexual pautadas em valores e hábitos condizentes com a valorização da vida e com os direitos humanos.

4. Considerações Finais

Tendo em conta o entendimento de que a Educação Sexual tem por finalidade disseminar informação e conhecimento sobre tudo o que diz respeito ao corpo, transpondo a questão meramente biológica, destaca-se a escola como um espaço significativo na problematização sobre este tema. Considera-se que, apesar de não existir uma receita pronta, é imperativo o desenvolvimento de estratégias de ensino que atendam às necessidades do público discente de maneira personalizada, humana e qualificada. Enfatiza-se que estas estratégias devem, além de difundir informações, gerar a reflexão e propiciar um comportamento crítico ao educando.

Infere-se que a Educação Sexual é uma oportunidade para a escola, em coordenação com outros atores, fortalecer a busca de respostas efetivas a situações de violação de direitos como violência, abuso e maus-tratos a crianças e adolescentes, e implementar medidas de

proteção e reparo para resolver esses problemas. Além do lugar conquistado pelas questões de Educação Sexual na agenda pública, com repercussões nas políticas e ações educacionais em desenvolvimento, a implementação de um tema tão antigo e dinâmico quanto o da sexualidade, continua a representar um desafio de apropriação às instituições de ensino e de seus atores.

Conclui-se deste modo, que apesar do entendimento biológico sobre o corpo ser importante, mostra-se insuficiente para a compreensão total do indivíduo. Assim, é fundamental que, ao se trabalhar questões relacionados com Educação Sexual, se considerem aspectos sociais, culturais e emocionais do educando. Entendemos ainda que este tipo de abordagem perpassa pelo caminho de uma formação docente problematizadora sobre o tema, auxiliando na elaboração de estratégias educacionais que sejam subjetivamente transformadas em ações concretas pelos educandos.

Vale ressaltar que, como limitação deste estudo, identificou-se a necessidade de investigar a visão de pais e/ou responsáveis destes adolescentes sobre o tema. Os resultados obtidos com estes adultos de referências poderiam nortear ações de instrumentalização em torno do enfoque da Educação Sexual. Depreende-se que essas ações, se estruturadas a partir do diálogo com todos os sujeitos envolvidos no processo, poderá servir de meio para amenizar a vulnerabilidade dos educandos em relação a questões que tangem essa temática.

Agradecimentos

Os autores agradecem à CAPES e FAPERGS pela disponibilização de bolsas de estudo.

Referências

Almeida, S. A., Nogueira, J. A., Silva, A. O. & Torres V. (2011). Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32(1). doi: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472011000100014>.

Altmann, H. (2013). Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 13, p. 69-82. doi: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000100004>.

Araujo, M. S., Rodrigues, E. E. S., Pacheco, A. L. D., Souza, L. P. G. & Castro, O.W. (2017). Influência familiar e de outras fontes de informações na construção dos conhecimentos dos adolescentes acerca da sexualidade. Congresso Nacional de Pesquisa, Ensino e Ciências. Editora: Realize. Campo Grande.

Argentina. Presidencia de la Nación, Cultura, Ciencia y Tecnología. Ministerio de Educación. Secretaría de Evaluación Educativa (2019). Educación sexual integral en la escuela primaria. Voces de estudiantes, docentes y directivos en Aprender 2018. Buenos Aires: Secretaría de Evaluación Educativa. Recuperado em 29 marzo de: https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/informe_esi_primaria_web.pdf

Barbosa, L. U., Viçosa, C. S. C. L., Sousa, B. S. A. & Folmer, V. (2019). O silêncio da família e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência. Ensino, Saúde e Ambiente 12(2).

Barbosa, L. U., Viçosa, C. S. C. L. & Folmer, V. (2019). A Educação Sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. Revista Eletrônica Acervo Saúde 11(10). doi: <https://doi.org/10.25248/reas.e772.2019>.

Barbosa, L. U. & Folmer, V. (2019). Facilidades e dificuldades da Educação Sexual na escola: percepções de professores da educação básica. Revasf, 9(19).

Benedet, L. & Gómez, A. (2015). La educación sexual en Uruguay: enfoques en disputa en la genealogía de la política pública. Temas De Educación, 21(1).

Brancaleoni, A. P. L., Oliveira, R. R. (2016). Educação Sexual na promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero. ELO Diálogos em Extensão, 5(2). doi: <https://doi.org/10.21284/elo.v5i2.170>.

Chaves, A. P., Bezerra, E. O., Pereira, M. L. & Wagner, W. (2014). Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. Revista Brasileira de Enfermagem, 67(1). doi: <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140006>.

Coutinho, R. X., Santos, W. M., Folmer, V. & Puntel, R. L. (2013). Prevalência de comportamentos de risco em adolescentes. *Caderno Saúde Coletiva*, 21 (4). doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-462X2013000400013>.

Furlani, J. (2011) Educação Sexual na sala de aula: Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2011.

Gil, A. C. (2007). Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Gonçalves, R. C., Faleiro, J. H. & Malafaia, G. (2013). Educação Sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Revista Holos*, 29(5). doi: <https://doi.org/10.15628/holos.2013.784>.

Gonzalez, B. M. (2017). Orientação sexual nas escolas: análise dos dizeres dos documentos oficiais do Brasil e da Argentina. Dissertação Mestrado- Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Recuperado em 23 de março de <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21281>.

Lanes, K. G., Lanes, D. V. C., Pessano, E. F. C., Folmer, V. (2014). O ensino de Ciências e os Temas Transversais sugestões de eixos temáticos para práticas pedagógicas no contexto escolar. *Contexto & Educação*, 29 (92). doi: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2014.92.21-51>.

LEMOS, L. M.P. (2016). Nuvem de tags como ferramenta de análise de conteúdo: uma experiência com as cenas estendidas. *Revista Lumina*, 10(01). doi: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2016.v10.21192>.

López, C. R. (2015). Evolución y desarrollo actual de los Temas Transversales: posibilidades y limites. *Foro de Educación*, 13(18). doi: <http://dx.doi.org/10.14516/fde.2015.013.018.008>.

Magalhães, J. C. (2008). Fala Sério ou com Certeza? In: Ribeiro, P. R. C.; Quadrado, R. P. (Orgs.). *Corpos, Gênero e Sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar*. 2.ed. rev., 123 p., Rio Grande: Editora da FURG.

Marina, M. (2009). Educación Sexual para la Educación Primaria. Contenidos y Propuestas para el aula. Serie Cuadernos ESI. Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación. Recuperado el 01 de abril de 2020 de: https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/esi_primaria_2018.pdf

Mendes, M.S., Nóbrega, T.P. (2004) Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Brasil, n. 7.

Moreira, M. A. (2011). Metodologia de Pesquisa em Ensino. Ed.: Livraria da Física. 1ed., São Paulo.

Moreira, B.L.R., Rocha, J. B. & Folmer, V. (2011). Educação Sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, 10(01). Recuperado em 18 de janeiro de http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART4_Vol10_N1.pdf.

Moreira, B.L.R., Folmer, V. (2015). Percepções de professores de ciências e educação física acerca da Educação Sexual na escola. Revista Experiências em Ensino de Ciências, 10(2). Recuperado em 23 de janeiro de http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID282/v10_n2_a2015.pdf.

Noro, D. (2017). Discussões relacionadas a gênero nos Planos de Educação: o respeito à diversidade nas políticas públicas educacionais. Dissertação de Mestrado. PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, UFRGS, Porto Alegre. Recuperado em 06 de fevereiro de <https://bit.ly/37DZT44>.

Oliveira, F. A., Queiroz, A. M., Chaves, M. A., Castelo Branco, M. & Mendes, I. C. (2017). Atividades lúdicas desenvolvidas com adolescentes escolares sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Revista Interdisciplinar, 10(03). Recuperado em 16 de dezembro de <https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1124>.

Portela, N. C. & Albuquerque, L. P. (2014). Adolescence: sources of information about contraceptive methods. Revista de Enfermagem 3(1). Recuperado em 28 de janeiro de <https://bit.ly/2V7NwKW>.

Remídio, R. C., Silva, K. & Meireles, C. R. (2019). Educação e diversidade: trabalhando questões de gênero e sexualidade com adolescentes em escolas públicas. *Mediação*, 1(09). Recuperado em 12 de janeiro de <https://bit.ly/2T61tGv>.

Santos, W., Coutinho, R. & Puntel, R. (2013). Fatores de risco à saúde na adolescência. *Contexto e Saúde*, 13(24). doi: <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2013.24-25.63-65>.

Selva, O., Carvalho, E. T. & Borges, S. P. (2019). Sou Menino ou Sou Menina: Discriminações nas Relações de Gênero e Sexualidade na Educação Infantil. *Research, Society and Development*, 8(9). doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i9.1309>

Seoane, V. I. (2013). Género, cuerpo y sexualidades. Experiencias de mujeres en escuelas técnicas de la ciudad de La Plata. Buenos Aires: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), Programa de Doctorado en Ciencias Sociales. Recuperado em 29 de março de: <http://hdl.handle.net/10469/6397>.

Silva, C. S. & Bodstein, R. C. A. (2016). Referencial teórico sobre práticas intersetoriais em Promoção da Saúde na Escola. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(6). doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.08522016>.

Silva; R. A. R., Nelson, A. R. C, Duarte, F. H., Nanete, C. C., Holanda, J. R. & Costa, D. R. S. (2016). Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação as DST/HIV/AIDS. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 8(4). doi: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v8.3634>.

Silva, J. O., Anjos, D. F.; Pimentel, P. S., Costa, I. M. & Fonseca, J. H. M. (2019). Identidade de gênero e orientação sexual: a sexualidade no contexto escolar. *Research, Society and Development*, 8(8). doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i8.1182>.

Soares, C. B. (2014). Sexualidade na escola: estratégias do projeto saúde e prevenção nas escolas em Uruguaiana/RS. Trabalho de Conclusão de Curso, Ciências da Natureza/Unipampa. Recuperado em 23 de fevereiro de <https://bit.ly/38hrKHC>.

Soares, E. L., Viçosa, C. S. C. L., Pessano, E. F. C. & Folmer, V. (2018). As representações do corpo humano nos livros didáticos de Ciências. *Góndola, Enseñ Aprend Cienc*, 13(1). doi: <https://doi.org/10.14483/23464712.12018>.

Soares, Z. P. & Monteiro, S. S. (2019). Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. *Educar em Revista*, 35(73). doi: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.61432>.

Taha, M. S., Viçosa, C. C. L., Soares, E. L., Silva, F. F. (2018). Fala sério ou com certeza? saúde e sexualidade em rodas de conversa. In: Copetti, J.; Soares, R. G.; Folmer, V. (Org) *Educação e saúde no contexto escolar: compartilhando vivências, explorando possibilidades*. Universidade Federal do Pampa.

Viçosa, C. S. C. L.; Soares, E. L.; Viçosa, D. L., Pessano, E. F. C. & Folmer, V. (2018). Desafio da formação continuada em abordagens acerca do meio ambiente em uma perspectiva interdisciplinar. *Interdisciplinaridade*, n. 12. Recuperado em 16 fevereiro de <https://revistas.pucsp.br/interdisciplinaridade/article/view/36786>.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Cátia Silene Carrazoni Lopes Viçosa – 35%

Emilson Braga Santana – 10%

Débora Lopes Viçosa – 10%

Quelen Colman Espíndola Lima - 15%

Ana D'Andrea – 10%

Andréia Caroline Fernandes Salgueiro – 10%

Vanderlei Folmer – 10%